

SOBRE AGENCIAMENTOS TERRITORIAIS URBANOS: POSSÍVEIS DIFERENCIAÇÕES QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS NOS MODOS DE OCUPAÇÃO MASSIVA DE ALGUNS LUGARES ABERTOS E PÚBLICOS [OU QUASE] NA CIDADE DE SÃO PAULO

Resumo expandido

O artigo tem como *leitmotiv a investigação de* agenciamentos e construção de situações urbanas e arquitetônicas a partir do reconhecimento e mapeamento de micro-dinâmicas – “marginais”, efêmeras e/ou massivas - sociais existentes, independentes ou a partir da presença ou montagem de suportes arquitetônicos, capazes de funcionar como motores de fortalecimento de outras lógicas urbanas, de diferentes processos – diferenças qualitativas e quantitativas (de intensidade) - de estruturação e movimentos de reterritorializações momentâneas de alguns territórios da cidade de São Paulo.

A partir de uma tentativa de formulação e questionamento de possíveis lógicas subjacentes (talvez invisíveis) em relação àquilo que se vê como mais visível ou aparente nessas formas de estruturação do espaço e expressão das dinâmicas, pois, seguindo Milton Santos, é possível sempre haver uma diferença entre forma e conteúdo, entre a expressão do território e suas lógicas constitutivas.

Como acontecimentos apropriativos espaço-temporais, observamos movimentos de desprogramação e reprogramação de alguns territórios do espaço urbano da cidade de São Paulo – lugares de concentração massiva, efêmera e plural, com certa duração e periodicidade, em espaços abertos - e a formulação de algumas *hipóteses iniciais* sobre esses processos de ocupação e apropriação distintos, que nos interessam destacar: *apropriações/situações autoritárias, apropriações/situações indutivas e apropriações /situações espontâneas*. Ressalta-se que conceitos foram convocados como forma de construção de um juízo reflexionante mais aprofundado, para além do mais visível e aparente e uma forma de nos afastarmos de exageradas subjetividades.

Ver e Pensar: fenômeno e nomeno

O pensamento maquínico percorre boa parte da Filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari e está associado às teorias sobre a potência dos agenciamentos maquínicos sociais, ou

seja, associações imprevistas entre forças produtivas não necessariamente complementares ou que, aparentemente, tenham alguma afinidade. Tais agenciamentos viriam a partir dos mesmos fluxos engendrados pela máquina dominante do capital. Vistos por eles como fluxos esquizos, seriam também responsáveis pela produção de micro-máquinas sociais outras, contingentes, potencialmente desestabilizadoras das máquinas oficiais.

O trabalho de agenciamento com essas micro-máquinas seria a chance da construção de outras sociabilidades urbanas, distantes das engendradas, pensadas impostas e manipuladas pela máquina dominante capitalista, a máquina abstrata responsável pela formulação e enunciação de novas territorialidades, novas formas de ocupação e convívio do espaço urbano.

O tradicional conceito de “programa” em arquitetura é revisto e amplamente debatido pelo arquiteto Bernard Tschumi, em boa parte de sua obra teórica, mas, principalmente em seu livro “Architecture and Disjunction”. Tschumi discorre sobre as possibilidades do programa arquitetônico a partir dos movimentos de desprogramação e reprogramação incessantes do espaço. Torna-se uma referência importante para o trabalho na medida em que nos ajuda a pensar o programa não mais como uma listagem de usos prontos-para-uso e direcionados ao bom e adequado funcionamento dos espaços, mas como uma estratégia de montagem de situações espaciais inusitadas em arquitetura e no espaço urbano.

Entendido como articulação de micro-situações de usos (tangente às “horizontalidades” do território de Milton Santos [ver O espaço do Cidadão]), tal como o pensamento maquínico deleuzeano, a força das considerações de Tschumi sobre o papel do programa em arquitetura está justamente na articulação, no liame, no processo de junção e aproximação de atividades não necessariamente afins e complementares, mas entendidas como micro-máquinas potencializadoras de situações contingentes e imprevistas, quer sejam arquitetônicas ou urbanas.

Estamos falando então de possíveis embates entre uma lógica imposta e autoritária de construção dos suportes (seja ele arquitetônico ou urbano) e uma outra que pode ser indutiva ou apenas aberta a acontecimentos imprevisíveis, ao contingente e fortuito, ou ao espontâneo.

A partir daí, abre-se para nós um campo indagativo interessante sobre a busca por uma percepção de como o espaço se manifesta em diferentes situações e momentos na cidade, sobretudo espaços associados as ocupações massivas e prolongadas de lugares abertos ou quase abertos, sejam eles ligados a suportes arquitetônicos ou apenas logradouros públicos.

Alguns objetos de estudo foram pré-selecionados como base para o levantamento das questões conceituais balizadoras de discussões sobre o acontecer do espaço na contemporaneidade, com possíveis variações nas formas deles se manifestarem.

Como exemplo, a Marquise do Parque Ibirapuera, onde seu uso sempre fora espontâneo sem qualquer delimitação programática, mas que, recentemente a partir de uma imposição da administração do parque, skatistas, ciclistas e pedestres passaram a ter um local definido para o usufruto da Marquise. Ou seja, impôs-se um zoneamento em um lugar onde se verificava uma acentuada espontaneidade nas formas de ocupações e ações. Falamos, portanto, dessa possibilidade do que parece ser sempre o mesmo tornar-se repentinamente outro, porém, sem pré-determinações.

O presente artigo assume um caráter interrogativo e exploratório, sem a pretensão de ser conclusivo ou elucidativo. Imaginamos mantê-las abertas para que vivam potencialmente incompletas.

Tem-se como finalidade levantar questões quanto as intervenções/apropriações nesses espaços, sejam elas impositivas, indutivas, espontâneas, ou de outra ordem, e como são capazes de trazer um grau considerável de diferenciação qualitativa e quantitativa – o que, para nós, pode se refletir em diferentes atributos e atribuições de espaços que tendem à ocupações massivas, sugerindo processos bastante distintos de desterritorializações e reterritorializações de territórios configurados.

Referências

- BRISSAC Peixoto, Nelson. *Arte/Cidade*. Sabtiago de Compostela, Dardo, 2013
- CARERI, Francesco – *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. Prefácio de Paola Berenstein Jacquesi. Editora GG, 2013.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, *Feliz. O Anti-Édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, editora 34, 2010
- DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa, Relógio d'água editores, 2004
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari Biografia Cruzada*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre, artmed, 2010
- DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1955. Edição em língua original: *Khôra*. Paris: Éditions Galilée, 1993
- GUATTARI, Felix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro, editora vozes, 1996
- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. São Paulo, editora 34, 1992
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares – sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: SENAC, 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.
- _____. *Estética da Ginga - a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3oed. Rio



de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

MEYER, Regina, GROSTEIN, Marta Dora, BIDERMAN, Ciro. *São Paulo Metrópole*. São Paulo, EDUSP, Imprensa oficial, 2004

MEYER, Regina, GROSTEIN, Marta Dora. *A leste do Centro*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2010

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 4ª. Edição, 1998

_____. *Pensando o espaço do Homem*. São Paulo, EDUSP, 2012.

SENNET, Richard. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política de cooperação*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2012

TSCHUMI, Bernard. *Architecture and Disjunction*. Cambridge: The MIT Press, 1944.